

José Lopes da Silva

# ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

## LIVRO DO APOCALIPSE



José Lopes da Silva

**ESTUDO BÍBLICO  
DOCTRINA CATÓLICA**



**LIVRO DO APOCALIPSE**

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

**1ª EDIÇÃO**

**DIAGRAMAÇÃO**

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

**IMAGENS**

[pixabay.com.br](http://pixabay.com.br)

[pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org)

# SUMÁRIO

.....

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO AO LIVRO DO APOCALIPSE .....       | 5  |
| Autor e data de composição .....              | 5  |
| Quem é o autor do Apocalipse?.....            | 5  |
| Data de composição .....                      | 6  |
| Mensagem teológica do Apocalipse.....         | 7  |
| I - Temas teológicos gerais.....              | 7  |
| Deus.....                                     | 7  |
| Cristo .....                                  | 9  |
| O Espírito .....                              | 12 |
| A Igreja.....                                 | 12 |
| II - Temas gerais específicos .....           | 14 |
| A escatologia.....                            | 14 |
| Teologia da história.....                     | 14 |
| A Igreja purificada discerne a sua hora ..... | 15 |
| Esquema do Apocalipse .....                   | 17 |
| Mensagem e atualidades do Apocalipse .....    | 18 |
| Cenas do Apocalipse.....                      | 19 |
| Síntese .....                                 | 23 |
| Conclusão.....                                | 23 |
| ESTUDO DO LIVRO DO APOCALIPSE.....            | 25 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....               | 40 |

# INTRODUÇÃO AO LIVRO DO APOCALIPSE



“Apocalipse” é a palavra grega que significa “revelação”. O título “Revelação” que aparece no início do livro o situa no gênero literário apocalíptico. Esse gênero literário é próprio das épocas de perseguição em que se procura “revelar” os caminhos de Deus sobre o futuro para consolar e encorajar os justos perseguidos, dando-lhes a certeza da vitória final. Era muito comum no fim do Antigo Testamento. No prólogo do livro aparece, junto com o termo “Revelação”, a expressão “o que deve acontecer em breve”. O Apocalipse apresenta-se, portanto, como uma síntese nova entre o apocalíptico e o profético. O Apocalipse apresenta-se como um escrito enviado às igrejas e destinado a ser lido, ouvido, interpretado na assembleia litúrgica. Na vivência da assembleia litúrgica, o Apocalipse torna-se profecia.

## **Autor e data de composição**

### **Quem é o autor do Apocalipse?**

Será possível dar um nome a essa personalidade tão original? Ainda hoje o problema é antigo e muito controverso. As várias soluções propostas não serão contempladas aqui. Vamos nos limitar à teoria antiga, até hoje ainda a mais aceita pela maioria dos católicos.

O autor do Apocalipse é o apóstolo João, autor do quarto evangelho e

cuja opinião prevalece no campo católico, entre autores os quais podemos recordar Allo, Braun, Feret, Feuillet, Gelin, de la Poterie etc.

A tradição histórica na Igreja primitiva concordava em atribuir o Apocalipse ao apóstolo João. Desde o século II podemos enumerar exemplos muito expressivos.

Justiniano fala na “revelação” (apocalipse) do apóstolo João (PG, 9, 669).

Irineu usa várias vezes a mesma expressão: “João, discípulo do Senhor, no Apocalipse...” (PG, 7, 1040; 1068; 1192).

Clemente de Alexandria, introduzindo uma citação, afirma: “Como diz João no Apocalipse” (PG, 9, 328). Em outro trecho recorda o vidente de Patmos: “João, o apóstolo, depois da morte do perseguidor, retornou de Patmos a Éfeso” (PG, 9, 648).

Tertuliano fala do “Apocalipse de João” (PL, 2, 834).

No decurso do século III continua a tradição de se atribuir o Apocalipse ao apóstolo João, repetindo as expressões que encontramos no século anterior, vista agora em Orígenes, Hipólito, Cipriano... Aparece alguma voz dissidente, porém mais por motivos polêmicos ou linguísticos.

### **Data de composição**

Quanto à data de composição, a Bíblia de Jerusalém, em sua última edição francesa (1998), afirma:

“Quanto à data de composição, admite-se bastante comumente que tenha sido composto durante o reinado de Domiciano pelo ano 95; outros, e não sem alguma probabilidade, creem que pelo menos algumas partes já estariam redigidas desde o tempo de Nero, pouco antes de 70.

Quer optemos pelo tempo de Domiciano quer pelo de Nero, é indispensável, para bem compreender o Apocalipse, recolocá-lo no

ambiente histórico que lhe deu origem: um período de perturbações e de violentas perseguições contra a Igreja nascente”.

## Mensagem teológica do Apocalipse

### I - Temas teológicos gerais

Alguns termos gerais merecem destaque no quadro da teologia do Apocalipse. São comuns a todos os escritos do Novo Testamento, mas no Apocalipse constituem pontos de cristalização característicos que já lhe especificam a mensagem: Deus, Jesus, o Espírito, a Igreja.

Para cada um desses temas daremos um sumário analítico com uma síntese conclusiva.

#### Deus

Os elementos analíticos mais característicos ocorrem nos “títulos” dados a Deus.

*Deus*, sem outro acréscimo, é o título mais frequente (65 vezes); sugere o significado dado a Deus - *Jahwé*, Elohim... - no Novo Testamento, entendido, com frequência, genericamente, e que o contexto de algum modo especifica (cf. 1,1.9; 2,7; 5,6.9.10; 8,2.4; 9,13; 11,16 etc.). Tem toda aquela carga e profundidade de significado próprio do Antigo Testamento.

*Senhor, Deus, Onipotente* (1,8; 4,8; 11,17; 15,3; 16,7.14; 18,8; 19,6.15; 21,22; 22,5-6). Embora sem ser o equivalente fixo de “Senhor, Deus dos exércitos”, a expressão tem suas raízes no Antigo Testamento e se refere à energia divina que destrói todo obstáculo, empregada por Deus na história da salvação, especialmente em seus momentos cruciais.

*Santo*, dito de Deus (4,8; 6,10). Não é reservado exclusivamente nem especialmente a Deus; é também para Cristo (3,7), os anjos (14,10), os

cristãos (8,3.4; 11,18; 13,7.10; 14,12 etc.), é também Jerusalém (11,2; 21,2.10 etc.). Indica a “sacralidade” em geral. Santo, porém, é aplicado somente a Deus, em sentido exclusivo, embora ocorra somente duas vezes (15,4; 16,5); exprime a retidão suprema, a coerência consigo mesmo que Deus tem no desenvolvimento da história da salvação.

**Justo**, referido a Deus pessoalmente (16,5) ou a seus “caminhos” (15,3) e a seus juízos (16,7; 19,2). Indica a retidão de Deus que, aplicada à história, restabelece o equilíbrio perturbado entre bem e mal. É como o correspondente objetivo daquela retidão pessoal expressa pelo título.

**Sentado** (6,16; 7,10 etc.). Dito de Deus que está “sentado” sobre seu trono, indica seu domínio sobre tudo.

**Pai de Cristo** (1,6; 2,28; 3,5.21; 14,1). É um epíteto que ocorre sempre na boca de Cristo. Cristo é e se expressa como Filho do Pai, no sentido mais profundo do termo. Mas Deus, Pai de Cristo, é posto também em relação com os cristãos; eles são “sacerdotes para Deus, seu Pai” (1,6); Cristo reconhecerá seu nome “diante do Pai” (3,5); os fiéis têm em suas frentes “o nome do Pai, escrito” (14,1).

**Deus meu**, dito de Cristo (3,2.12 [3 vezes]). Exprime o relacionamento de pertença recíproca, real e efetiva, que ocorre entre Cristo e Deus.

**Deus nosso** (19,1.6; 21,3). Tem o valor de um apelo à Aliança, mas indica a tendência para um modo de pertença completa, que supera a Aliança (cf. 21,3).

**Vivente** (4,9.10; 7,2; 10,6; 15,7). Na linha do Antigo Testamento, indica Deus que, na plenitude da vida, supera todo elemento humano, toda limitação de tempo.

Recolhendo todos esses elementos analíticos em uma visão sintética mais geral, podemos afirmar que para o Apocalipse Deus é *aquela que é, era e virá* (1,8; 4,8; 11,17 e 16,5ss: que é, era), em sentido transitivo e

ativo no que diz respeito à história da salvação. Dominando tudo com seu poder, ele põe em movimento todo o processo salvífico, faz com que se desenvolva no tempo, aniquila mediante a contraposição dialética entre forças ativas e negativas, todo o mal, tanto moral como físico. Por fim, tirando todo obstáculo, poderá renovar tudo e quer estar com a comunidade salva, a Jerusalém celeste, quer com cada indivíduo um relacionamento de particular intimidade (cf. 21,7; 21,22ss).

### **Cristo**

A cristologia do Apocalipse é particularmente rica e profunda, sem dúvida uma das mais elaboradas do NT. O autor tem sentido agudo de Cristo, não menor do que o tem de Deus.

Os “títulos” dados a Cristo e que permitem uma primeira panorâmica sobre o tema cristológico do Apocalipse são numerosos e muitos são característicos.

*Jesus* ocorre sozinho 9 vezes (1,9 e 19,10 [duas vezes]; 12,17; 14,12; 17,6; 20,4; 22,16). A frequência indica uma atenção especial ao Jesus histórico (Charles, Comblin), ou talvez melhor, a uma insistência no relacionamento com a pessoa.

*Jesus Cristo* (1,1.2.5; 22,21); *Cristo* (11,15; 12,10; 20,4.6). Indica, genericamente, a função messiânica; o contexto às vezes específico, e indica Cristo que, associado ao Pai, toma posse do reino.

*Senhor, Rei* (22,20.21); *Senhor* (11,8; 14,13; 22,20.21; 17,14; 19,16). O título tem por vezes uma acentuação litúrgica (cf. 22,20). Normalmente indica, especialmente na forma acentuada típica do Apocalipse (17,14; 19,16), a energia irresistível de Cristo aplicada contra as forças hostis.

*Cordeiro*. Fazendo seu um tema tirado provavelmente do Êxodo e do Dêutero-Isaías, o autor nos apresenta Cristo como o cordeiro pascal

redentor, morto (5,6.12), glorificado (5,6), que, vencendo, sobe ao trono de Deus (6,1.16; 7,9-11. 14.16 etc.). São 29 ocorrências.

***Semelhante ao filho do homem*** (1,13; 14,14). Embora, substancialmente coincida com um título cristológico muito difundido nos evangelhos, não parece derivar deles, mas diretamente de Daniel (cf. Dn 7,13) e ocorre em um contexto de glorificação e de juízo no qual algumas características próprias de Deus no AT são transferidos a Cristo.

***Verbo de Deus*** (19,13). É uma característica de Cristo, que lhe é dada com grande solenidade literária; indica a sua realidade transcendente, na perspectiva do prólogo do quarto evangelho, mas vista no contexto dinâmico da conclusão da história da salvação.

***Filho de Deus*** (2,18). Cristo é chamado Filho de Deus no sentido mais pleno da palavra, assim como Deus é chamado Pai de Cristo.

***O Verdadeiro*** (3,7; 6,10; 19,11). O título qualifica ao máximo o testemunho de Cristo.

***O Santo*** (3,7). Indica a pertença especialíssima de Cristo à esfera própria de Deus.

***O Vivente*** (1,18). Esse título próprio de Deus é dado também a Cristo com base na sua ressurreição.

***O primeiro e o último, o alfa e o ômega***, ditos de Deus (cf. 1,8; 21,6). Esses títulos são transferidos a Cristo que, em relação com o mistério pascal, é indicado como no início e na conclusão da série homogênea representada pela história da salvação.

***Testemunha fiel*** (1,5; 3,14; cf. 19,11). Cristo é a testemunha fiel enquanto é uma atestação contínua, perfeita e plenamente crível de Deus e de seu projeto salvífico. Nesse sentido, Cristo é chamado no Apocalipse também o Amém (3,14; 1,7).

***Príncipe dos reis da terra*** (1,5). O título indica a supremacia de

Cristo sobre todas as forças hostis a Deus, organizadas historicamente e chamadas precisamente “reis da terra”: 1,5; 6,15; 17,2.18; 18,3.9; 19,19; 21,24; as forças hostis se transformam radicalmente. O título ocorre também, reforçando Rei dos reis (17,14; 19,16), unido a Senhor dos senhores e exprime então a supremacia dinâmica de Cristo.

***Leão da tribo de Judá*** (5,5). A expressão põe em relação a plena realização messiânica da descendência davídica (cf. 3,7: *aquele que tem a chave de Davi*; 22,16: *a raiz e a estirpe de Davi*) com a energia messiânica derivada do mistério pascal.

***O primogênito entre os mortos*** (1,5). É o Cristo ressuscitado, primeiro de uma série de filhos de Deus ressuscitado.

***Aquele que preside os sete espíritos de Deus*** (3,1). Indica a supremacia de Cristo também sobre os anjos superiores, aqueles que estão perante o trono de Deus (4,5). É uma supremacia dinâmica: Cristo envia os anjos-espíritos sobre toda a terra (5,6). Ou melhor, trata-se de Cristo que envia o espírito nas várias operações e aspectos que este assume na sua missão.

***A estrela luminosa da manhã*** (22,16; cf. 2,28). Jesus ressuscitado é a estrela luminosa da manhã que, em perspectiva escatológica, “desponta no coração” (cf. 2Pd 1,19) dos seus fiéis.

Uma apresentação sintética da cristologia do Apocalipse aparece primeiro na “visão” inicial (1,12-20): morto e ressuscitado, dotado de todas as prerrogativas de Deus, vivo na sua Igreja e para ela, Cristo a tem na mão e a impele adiante energicamente. Ele, sobretudo, a julga com a sua palavra, purificando-a a partir de dentro (cap. 1-3), a ajuda a discernir sua hora, seu relacionamento com as forças históricas hostis. Vence-as juntamente com ela, tornando-a assim completamente esposa (cc. 4-21). Assim, Cristo sobe ao trono de Deus, prolongando na realização histórica da Igreja aquela que tinha sido sua vitória pessoal, obtida com a

ressurreição. Nesse sentido ele é, para o autor do Apocalipse, o Cordeiro, título característico da Segunda Parte.

## **O Espírito**

A teologia do Espírito no Apocalipse apresenta-se com indicações sóbrias, descarnadas à primeira vista, mas que, recolhidas juntas, constituem um quadro particularmente interessante.

O Espírito, como em geral no AT, pertence a Deus, é sua prerrogativa: é o Espírito de Deus que está, na sua plenitude, diante dele (os “sete Espíritos de Deus”, conforme uma interpretação provável de 1,4; 4,5). O Espírito de Deus, na totalidade das suas manifestações concretas, como parece indicar também o complexo simbolismo de uma energia que parte da transcendência divina e opera no nível da história humana. É a energia que invade o autor do Apocalipse (cf. 1,10; 17,3; 21,10), que dá a vida da ressurreição (11,11).

O Espírito, a totalidade da energia divina transcendente, que vem em contato com a história humana, pertence a Cristo, que tem os sete Espíritos de Deus (3,1), o Espírito na sua totalidade e o envia sobre a terra (cf. 5,6).

Enviado sobre a terra, o Espírito se manifesta e age como pessoa, torna-se simplesmente o Espírito. Mas isso se verifica em contato com a Igreja: o Espírito revela (14,13), “fala” continuamente “às Igrejas” (2,7.11.17.29; 3,6.13.22), anima a Igreja no seu amor de esposa e lhe sustenta a esperança escatológica (22,6).

## **A Igreja**

Deus revela-se, exprime-se em Cristo, testemunha fiel; Cristo envia seu Espírito que é recebido na Igreja: passa-se assim de Deus a Cristo,

ao Espírito, à Igreja, sem solução de continuidade.

O autor conhece e usa o termo *ekklesia*: que designa para ele a Igreja local, bem identificada na sua circunscrição geográfica (2,1 etc.). Mas fala também de “Igrejas”, no plural (cf. 22,16) e então o discurso torna-se geral. Não só: mesmo quando insiste nas determinações locais, exprime, mediante o número 7, uma totalidade generalizada: *as 7 Igrejas que estão na Ásia* (1,4.11.20) constituem o conjunto perene da Igreja, superando as concretizações espaço- temporais.

São características do Apocalipse algumas imagens que exprimem ou ilustram seu conteúdo de Igreja: a Igreja é uma totalidade litúrgica na qual está presente Cristo (os 7 candelabros de ouro: 1,20; 2,1); a Igreja terrestre tem uma dimensão transcendente (anjos das sete Igrejas; cf. 1,20, etc.); a Igreja celeste e terrestre ao mesmo tempo deve exprimir nas dores das perseguições o seu Cristo (a mulher envolvida de sol, cf. 12,1ss.). A Igreja é o conjunto do povo de Deus com toda a carga que esse conceito tem no AT, quer no estado de peregrinação, quer na situação final, é a Jerusalém terrestre (cf. cap. 11) e a Jerusalém celeste (21,1-22,5), está ligada a Cristo por um vínculo indissolúvel de amor, é a “esposa” (cf. 21,2.9; 22,17).

E é precisamente na união dessas duas imagens, cidade e esposa, que se realiza no fim do Apocalipse (21,1-2: “como esposa”; 22,14-15: a cidade- esposa) a síntese da eclesiologia do Apocalipse: a Igreja está ligada a Cristo por um amor que não deve cair de nível (cf. 2,4), que deve crescer até à intimidade familiar (3,20), vencendo todas as negatividades interiores; é o aspecto mais pessoal, que interessa a cada indivíduo; mas a Igreja é também cidade: tem um aspecto social, que se desenvolve na sua linha, vencendo as negatividades hostis exteriores.

Quando esse duplo processo, interno e externo, estiver ultimado,

então e somente então, se terá a síntese perfeita entre as duas: a Igreja, “santa”, “amada”, esposa e capaz de amar, será a cidade na qual não poderá entrar nada de contaminado.

Estaremos na fase escatológica final.

## **II - Temas gerais específicos**

Alguns temas teológicos são específicos de Apocalipse.

### **A escatologia**

A escatologia é um dos temas característicos do Apocalipse.

A insistência no tempo que passa e que não tem mais adiamento, as ameaças, o simbolismo das convulsões cósmicas, o desenvolvimento literário para a frente em direção a uma conclusão final etc., nos falam da escatologia.

No Apocalipse, o arco da história da salvação abraça explicitamente todos os tempos: o presente, o passado e o futuro; isso é expresso pela frase característica: “o que é e que era e que vem” (cf. 1,4.8 etc.). A expressão grega “o que é” do Apocalipse aparece escrita na auréola de todas as imagens orientais de Cristo.

Existe, no Apocalipse, uma tensão para um ponto de chegada final; aparece um ritmo de corrida veloz: “o tempo está próximo” (1,3).

A última seção se inicia quando chega o grande dia (heméra he megale 16,17).

### **Teologia da história**

A escatologia está ancorada na história. O Apocalipse tem como sua matéria específica “aquilo que deve acontecer”, a história entendida em seu conteúdo concreto.

## **A Igreja purificada discerne a sua hora**

A comunidade eclesial, situada no desenvolvimento linear da história da salvação entre o “já” e o “não ainda”, coloca-se logo em um estado de purificação interior, submetendo-se ao “juízo” da palavra de Cristo. Renova-se, tonifica-se interiormente, torna-se apta a perceber (“quem tem ouvido...” 1,7) a voz do Espírito.

Nessa situação interior ela é convidada a subir ao céu (cf. 4,1) e a considerar lá de cima os fatos que lhe dizem respeito desde fora.

Aplicando aos fatos os esquemas de inteligibilidade correspondentes, a Igreja estará em grau de compreender, mediante um tipo de reflexão sapiencial, sua hora em relação às realidades históricas que lhe são similares.

Essa reflexão sapiencial e atualizante é o último passo na hermenêutica do Apocalipse e se realiza no contexto litúrgico da assembleia que escuta e discerne (cf. 1,3; 13,18 etc.).

E esse é o ponto focal, a chave de abóbada do edifício teológico do Apocalipse.

O autor o coloca em relevo com o caráter marcadamente litúrgico que imprime em todo o livro: os elementos litúrgicos mais externos (“em um domingo” [dia do Senhor] 1,10) são levados pelo autor a uma profundidade de experiência litúrgica sem precedentes. A liturgia se desenvolve sobre a terra, mas tem um influxo determinante no céu; constitui a expressão da comunidade eclesial, consciente da presença de Cristo e do Espírito (cf. o “diálogo litúrgico” de 22,6-21).

Em tal situação litúrgica, a Igreja se purifica e discerne a sua hora. Isso significa a possibilidade e a capacidade de uma leitura religiosa, em profundidade, da história simultânea. Esta, por sua vez, se enquadra no grande contexto da escatologia.

De modo mais geral, na ação de purificação, antes de discernimento,

a comunidade eclesial descobre sua identidade com todas as implicações e toma consciência dela; compreende que é animada pelo Espírito Santo, descobre, então, o Cristo no mistério pascal e presente que a purifica, a ilumina, combate e vence com ela; descobre, por meio de Cristo e da sua obra, a imensidade inefável do Deus “santíssimo”, “que domina tudo”, mas que é, *juntamente, Pai de Cristo e nosso Pai.*

- 1,1-20      Prefácio e visão vocacional
- 2,1-3,22    As sete cartas
- 4,1-11      As tentações que precedem a batalha final
- 11,15-22,5   O choque decisivo entre Cristo e Satanás
- 22,6-21      Conclusão

Nesse esquema fundamental, podem-se discernir sete grupos de sete:

- sete cartas: 2-3,22;
- sete visões dos selos: 6,1-8,1;
- sete visões das trombetas: 8,7-11,18;
- sete visões dos sinais: 12,1-14,20;
- sete visões das taças do furor: 16,2-17;
- sete visões sobre a Babilônia: 17,1-19,3;
- sete visões antes do cumprimento: 19,11-22,3

Cada grupo de sete é precedido por uma introdução: 1,9-20; 4,1-11; 8,2-6; 11,19; 15,1-16,1; 16,18-21; 19,6-10.

Essa estrutura geral pode ser especificada pelo esquema detalhado, que evidencia particularmente os sete grupos descritos por A. Lâpple:

|                    |             |             |
|--------------------|-------------|-------------|
| Prólogo            | 1,1-8       |             |
| Visão vocacional   | 1,9-20      |             |
|                    | 2,1<br>3,22 | Sete cartas |
| Visão introdutória | 4,1-5,11    |             |

|  |               |                                    |
|--|---------------|------------------------------------|
|  | 6,1-14        | Abertura de seis selos             |
| Trecho intermediário                         | 7,1-16        |                                    |
|  | 8,1           | Abertura do sétimo selo            |
| Introdução às visões das trombetas           | 8,2-6         |                                    |
|  | 8,7-12        | Quatro visões de trombetas         |
| Trecho intermediário                         | 8,13          |                                    |
|  | 9,1-21        | Quinta e sexta visões de trombetas |
| Trecho intermediário                         | 10,1<br>11,14 |                                    |
|  | 11,15<br>18   | Sétima visão de trombetas          |
| Introdução aos sete sinais                   | 11,19         |                                    |
|  | 12,1<br>14,20 | Os sete sinais                     |
| Introdução às sete visões das taças do furor | 15,1<br>16,1  |                                    |
|  | 16,2-17       | Sete visões das taças do furor     |
| Introdução às visões sobre a Babilônia       | 16,18<br>21   |                                    |
|  | 17,1<br>19,5  | Sete visões da queda da Babilônia  |
| Introdução às visões de cumprimento          | 19,6-10       |                                    |
|  | 19,11<br>22,5 | Sete visões de cumprimento         |
| Conclusão                                    | 22,6-21       |                                    |

Convém ter presente sempre que a linguagem do Apocalipse é simbólica, por isso não se deve atribuir a cada pormenor uma correspondência na realidade: isso seria uma alegoria.

## Esquema do Apocalipse

Pelo fato de usar uma linguagem simbólica própria do gênero apocalíptico, numerosos autores apresentaram interpretações completamente disparatadas a seu respeito. A meu ver, a melhor exposição é a de Ugo Vanni, que vou tentar esquematizar aqui.

## Mensagem e atualidades do Apocalipse

Como escrito profético que é, o Apocalipse nos proclama a atualidade dos desígnios de Deus e, correlativamente, a urgência do nosso engajamento.

A obra de Deus chegou a seu termo, o Cristo já triunfa e inaugurou o seu reino. Nós estamos vivendo os últimos dias, por isso os homens se repartem em duas categorias irreconciliáveis:

os que reconhecem o Cristo e se associam a seu triunfo;  
os que, não o reconhecendo, se opõem a Deus e se votam à condenação.

Quanto à Igreja, ela se associa estreitamente à pessoa e à obra de Cristo:

ela é a comunidade escolhida, objeto do seu amor: 1,5b; 3,9; 7,3-4; 12,6; 19,7-9;

ela foi resgatada por seu sangue: 1,5b; 5,9; 7,14; 14,3-4;

ela é a inauguração do seu Reino: 1,6; 5,10; 7,15; 20,4-6;

como o Cristo, é a Testemunha fiel: 1,5; 3,14; 19,11. A Igreja deve testemunhar: 11,3-6; 12,17; 19,10; 22,9;

como Cristo testemunhou até a morte 1,5; 5,6, também a Igreja deve afrontar o combate e o martírio: 6,9; 7,14; 11,7-10; 12,2.4.11; 16,6; 18,24; 20,4;

como o Cristo é Vencedor e Ressuscitado 1,5.18; 5,5; 12,5; 17,14; 19,11-21, também a Igreja participa já da sua Vitória e Ressurreição: 6,11; 7,16; 11,11-12; 12,11; 17,14; 20,4-6;

como o Cristo é Senhor 1,5.12-16; 19,16, também a Igreja é Reino sacerdotal: 7,9-12; 14,3; 20,4.6.

Essa associação da Igreja ao Cristo requer nela atitudes correspondentes:

Devendo testemunhar, ela deve viver na fidelidade: 1,3; 2,10. 13.26; 3,8; 14,12; 22,7.9.

Sofrendo perseguição, mas antegozando a ressurreição, ela deve exercer a perseverança, forma constante da fidelidade, como o martírio é a forma especialíssima do testemunho: 1,9; 2,2.3.10; 3,10-11; 13,10; 14,12.

Em estado de êxodo, em marcha, a Igreja vive uma tensão cheia de esperança:

“Vem, Senhor Jesus!”: 6,10; 10,7; 11,17s; 12,10-12; 15,3-4; 19,7-9; 20,3-4; 22,17.20.

O Reino de Cristo não é um acontecimento futuro, mas uma realidade presente. O cenário da parusia gloriosa apenas projeta na luz de Deus e na simultaneidade da eternidade aquilo que se realiza hoje, no mistério e na duração da história: a cada momento, em torno de nós e em nós, se exerce o antagonismo irreduzível entre a idolatria da terra e o reconhecimento do único Cristo. A palavra profética nos convida assim a ter em conta a gravidade eterna de cada instante... e, por suas numerosas referências ao simbolismo litúrgico, ela nos convida a viver o culto como um encontro atual com o Cristo, como um apelo a nos configurarmos à Páscoa do Senhor, como uma proclamação e uma espera jubilosa da manifestação da Jerusalém Celeste.

## Cenas do Apocalipse

### **PRÓLOGO: 1,1-3**

### **PARTE 1: 1,4-3,22**

Destinatários, doxologia, autoapresentação divina (1,4-8).

Visão inicial: o Vidente e Cristo (1,9-20).

Na ilha de Patmos, em um “domingo”, arrebatado “no espírito”.

Uma voz de trombeta: “escreve”.

Um Filho de Homem entre 7 candelabros.

Pavor do vidente, “não temas”, missão.

As sete cartas, cada uma com 6-7 elementos: a) destinatário; b) Cristo; c) juízo: sei que..., mas... d) exortação e) Espírito, f) promessa.

## **PARTE II: 4,1-22,5**

Visão do Trono (4,1-11).

Porta aberta no céu.

Convite para subir (até o nível de Deus!).

Um *Trono*, e Alguém sentado: um *Kathémenos*.

24 tronos e 24 anciãos, ao redor do Trono.

Diante do Trono: 7 lâmpadas = 7 Espíritos.

O mar transparente, de cristal (.o caos?; cf. 15,2; 21,1).

No meio do Trono e ao redor, 4 *Seres Videntes* (“Animais”) = 4 símbolos da ação de Deus!

O Triságio dos quatro Videntes.

O Louvor dos 24 Anciãos.

O Livro e o Cordeiro (5,1-14).

O *Kathémenos* segura o Livro (da História).

A pergunta do Anjo: quem abrirá?

Entre o Trono, os Videntes e os Anciãos, um Cordeiro imolado, de pé (= Cristo Ressuscitado) que vem receber o Livro.

Tríplice louvor: dos Anciãos e dos Santos; dos Anjos; de todas as criaturas.

Os 4 *primeiros Selos* (6,1-8): o sentido da história de Israel.

O *Cordeiro* rompe um Selo, um *Vivente* chama (“Vem”. cf. 22,17), aparecem quatro cavalos:

branco - vencedor

vermelho - guerra

negro - fome

esverdeado - peste

O 5º Selo (6,9-11) = sob o altar, o clamor (das almas) dos mártires.

O 6º Selo (6,12-17) = o terremoto e as convulsões do Dia da ira.

Elementos, categorias de pessoas e marcação prévia dos eleitos (7,1-16).

Os 4 anjos dos 4 ventos detêm-nos...

O Anjo do Oriente que anuncia a marcação (cf. Ez 9,4)...

Os 144 mil.

O triunfo dos eleitos (7,9-16), isto é, os mártires. v. 14.

A multidão incontável e o seu louvor.

O louvor dos Anjos.

Diálogo entre um Ancião e o Vidente sobre os vencedores.

Seção das Trombetas (8 a 11).

As orações dos Santos apressam o Dia: 8,1-5.

As 4 primeiras Trombetas - 4 pragas (8,6-13):

granizo

erupção

meteoro

trevas

5a trombeta e 1º “Ai” (9,1-12): os gafanhotos.

6a trombeta e 2º “Ai” (9,13-21): os cavaleiros.

O Anjo cósmico com o livrinho (do Evangelho?): 10,1-7.

O livrinho dado ao Vidente com a missão de “profetizar ainda”:  
10,8-11.

Medição do Templo: 11,1-2.

As duas Testemunhas: 11,3-13.

7a trombeta e anúncio do 3º “Ai” (11,14-19).

Hino dos 24 Anciãos.

Abre-se o Templo do Céu.

Seção dos “Sinais” (12-16).

a Mulher 12,1

Dragão 12,3

as 7 Taças 15,1.5-7

A Mulher e o Dragão: 12,1-6.13-17 (batalha entre Miguel e o Dragão 12,7-12).

A Besta que sobe do mar: 13,1-10.

A “outra Besta” que sai da terra, o “falso profeta” 13,11-18.

NB: o número da Besta: 13,18.

Os resgatados do Cordeiro: 14,1-5.

Os 6 Anjos que anunciam o julgamento: 14,6-20 (a ceifa e a vindima das nações: vv.14-20).

O cântico de Moisés e do Cordeiro, entoado pelos vencedores após a travessia do mar: 15,2-4.

As 7 pragas das 7 Taças: 15,1.5 - 16,20 úlcera, mar de sangue, rios de sangue, mar abrasador, trevas, seca do Eufrates e reunião dos reis no Harmagedon, terremoto e granizo.

Seção do “Grande Dia” (17-22,5).

*condenação da Prostituta*: cap. 17-20.

Descrição da grande Prostituta (+ a Besta): cap 17.

Anúncio da queda de Babilônia: 18,1-3.

O povo de Deus deve fugir: 18,4-8.

Lamentações sobre Babilônia: 18,9-19.

Novo anúncio da queda: 18,20-24.

Cantos de triunfo no céu: 19,1-8.

Anúncio das Bodas do Cordeiro: 19,7-9.

Primeiro combate escatológico: 19,11-21 (fim da Besta e do pseudoprofeta -

o Cavaleiro vencedor: 19,11-16).

O reino de Mil anos: 20,1-6.

Segundo combate escatológico: 20,7-10 (fim do Diabo).

Julgamento universal: 20,11-15 (fim da Morte).

*trunfo da Esposa*: cap. 21-22.

O novo céu e a nova terra: 21,1-8.

Descrição da nova Jerusalém, a Esposa do Cordeiro: 21,9-27.

O novo Paraíso: 22,1-5.

### **EPÍLOGO: 22,6-21**

Cristo, o Vidente e o Anjo (advertências finais): 22,6-15.

Cristo, o Espírito e a Esposa (conclusão): 22,16-21.

### **Síntese**

|          |                              |
|----------|------------------------------|
| 1,1-3    | PRÓLOGO                      |
| 1,4-3,22 | Setenário das CARTAS         |
| 4-5      | O Trono. O Livro. O Cordeiro |
| 4,1-22,5 | Sete Setenários              |
| 6-7      | Sete Selos                   |
| 8-11     | Trombetas                    |
| 12-16    | Sinais e Taças               |
| 22,6-21  | EPÍLOGO                      |
| 17-22    | Fim                          |

### **Conclusão**

Os cristãos podem e devem reler as páginas do Apocalipse e reencontrar nelas as palavras que são a “figura” de Cristo e de sua presença. Essa lectio divina pode oferecer fundamentos sólidos para a reflexão, a conversão

e o projeto de uma nova vida com Cristo e para Cristo.

O Apocalipse afirma que o Cordeiro que foi morto é o Senhor da Igreja. Assegura-nos que o Senhor está com a Igreja. Somos chamados a aceitar aquilo que o Senhor diz à Igreja.

Além disso, foi-nos transmitida a oração: “Marana tha - Senhor, vinde!” (Ap 22,20), com tudo o que essa prece contém em si.

Vamos ao encontro do Senhor Ressuscitado. Nossa caminhada desemboca na Eternidade. “Sim. Virei brevemente”.

*Marana tha.* É o anelo ardente pela volta do Ressuscitado. Mas também é a promessa de uma vinda mais plena do Cristo na sua Igreja, no nosso mundo que se sente tão vazio dele.

“Sim, virei brevemente”. Essa promessa de Cristo enche de esperança e de alegria o novo milênio que já chegou. “Vemos já um novo céu e uma nova terra.” (21,1)

Amém! Vem, Senhor Jesus!

Todo esse estudo se baseia nas obras do maior especialista do Apocalipse, Pe. Ugo Vanni: *La struttura litteraria dell'Apocalisse*, 1971; *Apocalisse*, 1979; e sobretudo em suas apostilas e notas de aula.